

# ARTHUR DE SALLES, os sonetos dispersos e sua edição

---

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz

## 1 Introdução

### 1.1 O contato com a obra de Arthur de Salles

O primeiro contato que tive com a obra de Arthur de Salles foi em 1991, quando cursava, como aluna especial do Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia, a disciplina “Edição crítica de textos modernos”, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Marques Telles. Desde então, o interesse pela produção literária do poeta foi crescente.

Arthur de Salles não compilou toda a sua obra em livros, deixando, ao morrer em 1952, uma vasta produção dispersa. Essa obra dispersa compreende textos éditos e inéditos, dentre eles os sonetos, escolhidos como tema de dissertação, a fim de serem editados criticamente, de acordo com os critérios da Crítica Textual.

### 1.2 Arthur de Salles: vida e obra

Arthur Gonçalves de Salles nasceu a 7 de março de 1879, no “Cais Dourado”, freguesia de Nossa Senhora do Pilar, em Salvador-Ba, vindo a falecer, nesta cidade, a

27 de junho de 1952. Filho de Severiano Gonçalves de Salles e de D. Eufrosina Maria de Aragão Salles.

Desde cedo, já aos treze anos, quando estudava no Colégio Carneiro Ribeiro (Salvador- Ba), começou a escrever seus primeiros versos. Pessoa sensível, voltada para a contemplação da natureza, Arthur de Salles deixará refletir em sua poesia a forte ligação que manteve com o mar: o mar da baía de Todos os Santos, de sua infância, vivida na cidade baixa onde nasceu, e depois o mar da Vila de São Francisco, no recôncavo baiano, local onde residiu durante alguns anos.

Em 1901, precisamente em maio, Arthur de Salles e outros jovens escritores baianos fundam a agremiação literária Nova Cruzada, que estende suas atividades até 1914. A divulgação dos trabalhos da agremiação era feita através da revista que levava o mesmo nome, sendo que esta circulou entre maio de 1901 a setembro de 1910. O objetivo da agremiação Nova Cruzada era tirar a Bahia da apatia, restaurando-lhe o “status” dos seus dias de glória. Para isso, participa de todo e qualquer tipo de evento realizado na cidade. Arthur de Salles, como um de seus membros mais ativos, a presidiu durante os anos de 1913 e 1914.

Em 1905, Arthur de Salles é diplomado professor primário ou, como se dizia na época, aluno-mestre pela Escola Normal da Bahia. E, como professor, receberá os seus proventos até o final da vida.

Arthur de Salles sempre esteve presente na vida literária da Bahia. Colaborou em diversos jornais e revistas literárias, como: *Gazeta do Povo*, *O Imparcial*, *Diário da Bahia*, *Nova Revista*, *Nova Cruzada*, *Os Annaes*, *Arco e Flexa*, *Renascença*, *A Lupa*, *Bahia Ilustrada*, dentre outros; além de ter sido também um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia.<sup>1</sup>

Apesar de toda essa intensa vida literária, Arthur de Salles era avesso às promoções, não cultivou a própria glória. Sua produção poética, compreendida entre 1901 a 1915, só foi publicada em livro graças a seus amigos das tertúlias literárias do Instituto Nina Rodrigues. Essa produção encontra-se reunida no livro intitulado *Poesias* (1920).

Em 1928, Arthur de Salles publica o poema dramático *Sangue-mau*, que será reeditado em 1948, juntamente com *O ramo da fogueira*, em *Poemas regionais*.

---

<sup>1</sup>Arthur de Salles, como fundador da Academia de Letras da Bahia, ocupou a cadeira de n.º 3, cujo patrono é Manoel Botelho de Oliveira.

Em 1949, após a morte de seu grande amigo e poeta Durval de Moraes, Arthur de Salles é eleito *Príncipe dos Poetas Baianos*.

A produção literária de Arthur de Salles, ao longo do tempo, mostra uma clara evolução: sua poesia, a princípio de cunho simbolista, passa a ter um cunho parnasiano, aproximando-se de um misto de parnasianismo e naturalismo. Segundo Lafaiete Spínola (1943, p. 9), o poeta aliou o melhor simbolismo ao melhor parnasianismo.

Sentimentos diversos permeiam a sua poesia: a religiosidade e o culto à natureza são bons exemplos. Lafaiete Spínola diz que, “o sentimento religioso, que se desprende, vago e profundo, de seus versos, é um prolongamento do culto à natureza, que é nele uma religião” (1943, p. 11). Para Cláudio Veiga (1984), o sentimento religioso presente em sua poesia é a velha religião dos colonizadores, o catolicismo. As festas religiosas populares, como o Natal e o São João, são presenças marcantes em sua poesia, cujo poema *O ramo da fogueira* é um dos representantes. Além disso, Arthur de Salles escreveu versos à Virgem, bem como hinos religiosos: *Hino ao Senhor do Bonfim*, conhecido popularmente na voz de Caetano Veloso, e *Hino a Nossa Senhora da Conceição da Praia*. Outro motivo arrolado para a religiosidade do poeta é o fato de ter residido durante muitos anos no Convento de Nossa Senhora das Brotas, em São Bento das Lajes, na atual cidade de São Francisco do Conde-Ba, e ter ocupado a mesma cela que o poeta ultra-romântico, Junqueira Freire.

A paixão pelo mar, segundo assinala Eugênio Gomes (1953, p. 66), inspirou o poeta a escrever alguns dos mais belos poemas marítimos da literatura brasileira. O mar, que batia na soleira da sua casa de infância, está presente em muitos dos seus poemas, seja como cenário de morte, seja como cenário de uma radiosa visão. Não só o mar, puro e simples, figura em seus versos, como os elementos que fazem parte dele ou que desfilam por ele: peixes, moluscos, conchas e embarcações.

É inegável o valor da obra de Arthur de Salles. Sua poesia é um dos acontecimentos da literatura brasileira. Lafaiete Spínola assinala:

Arthur de Salles faz versos como quem tem medo. Sente o infinito dos mistérios da natureza, compreende o pavor do desconhecido, alcança a imensidade do sofrimento humano, e estarrece diante de sombras que lhe parecem hostis. Vultos e fantasmas são-lhe os companheiros eternos, a segredar-lhe tragédias incruentas. (1943, p. 12)

Raul Sá, que partilhou, já quase no final de vida do poeta, de sua amizade, expressa uma profunda admiração por Arthur de Salles ao escrever: “És vivo, Artur de Sales, e continuarás redivivo em tua Bahia, que compreende, ama e vive a tua Poesia!” (1977, p. 124).

### 1.3 Os sonetos dispersos

A seleção dos sonetos dispersos foi orientada pelos seguintes passos:

- levantamento de todo material existente no Acervo do Setor de Filologia Românica do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia;
- levantamento dos sonetos publicados em *Poesias*;
- levantamento dos sonetos publicados na *Obra Poética* (1973) que não fizessem parte de *Poesias*;
- levantamento de todos os manuscritos, datiloscritos e impressos;
- levantamento do número de testemunhos dos sonetos;
- levantamento dos sonetos existentes em outros acervos, tais como: Arquivo Público do Estado da Bahia, Biblioteca da Academia de Letras, Biblioteca Central do Estado da Bahia, Fundação Clemente Mariani, Biblioteca do Instituto Geográfica e Histórico da Bahia, e Biblioteca Municipal Eugênio Teixeira Leal.

De acordo com este levantamento, chegou-se aos seguintes resultados: localizados setenta e três sonetos, assim classificados - vinte e quatro publicados em *Poesias*; quarenta e nove sonetos dispersos. Destes, catorze são inéditos, sendo três manuscritos e onze datiloscritos. Os demais, vinte e cinco, são éditos, classificados como publicações pré-textuais (jornais e revistas), constando vinte e um sonetos; os restantes, quatro, classificados como publicações textuais (*Obra Poética* (1973) - póstuma). (V. Tabela 1)

Arthur de Salles, excelente sonetista, fala deste tipo de composição poética em um próprio soneto, intitulado “O Último...” (datiloscrito inédito, [s.d.], Acervo do Setor de Filologia Românica da UFBA):

#### O ULTIMO...

Sonetões, sonetinhos ou sonetos  
Não cancei o leitor com versalhada  
De legoa e meia ou de legoa de estrada  
Batida de avejões rubros e pretos

14 linhas só, na fôrma usada;  
Deduzidas as duas dos tercetos,  
Lidas em 4 folegos directos  
Um sorvo, um trago, um ai! uma pitada...

Cada qual, sendo mau, dura mui pouco.  
 Se é bom, lembra um sorvete que se peça  
 Mignon, de crême, de baunilha ou côco.

Dobra-se a dóse; mal não faz nem dura!  
 Sem ser pesado, ao estomago e á cabeça,  
 Não dá lugar a somno na leitura...

ÉDITOS	PUBLICAÇÕES PRÉ-TEXTUAIS (JORNAIS E REVISTAS)	ATRACÇÃO FUNESTA BERÇO VAZIO CARNAVALESCA CELINA CLAMOR... O FAROL FLOR DO MAL FRANCISCO MANGABEIRA O HOMEM E O MAR A LENDA A LUA A LUZ DA PRECE MARIA QUITERIA <i>MATER AMABILIS</i> NONAGENÁRIO NOITE OCASO NO MAR O REMORSO REVENDO O PASSADO NO SAARA O SOL SOLITUDE SONHO EXCELSO SONHO MORTO SUPREMO ANSEIO TRISTEZA ÚLTIMA PÁGINA VENEZA VIDA VISÃO  "E EM QUE TRECHO DE MAR À LUZ DE UM CÉU MALDITO"
	PUBLICAÇÃO TEXTUAL (PÓSTUMOS)	ELA ILHAS EFÊMERAS MANHÃ NO MAR NOITE
INÉDITOS	MANUSCRITOS	DUPLA REVOLTA <i>SGNUS</i>  "UMA COLINA SURGE E UM RIO ESCOANDO PERTO"
	DATILOSCRITOS	<i>DURA VERITAS</i> ESQUIVA LIRA PASSADISTA LIRA PRESENTISTA LOJISTA <i>RICTUS</i> O SONHO DE LISZT O ÚLTIMO... ÚLTIMO TROUBADOUR <i>FAE FICTIS</i> VOZES DE ANIMAIS

TABELA 1: Sonetos Dispersos

## 2 A Crítica Textual

A Crítica Textual ou Ecdótica ou Edição Crítica de Textos é um dos ramos mais antigos, mais nobres e mais autênticos da Filologia. Ocupa-se da reconstrução de textos, objetivando restabelecê-los de acordo com a última vontade do autor. Para Auerbach (1972, p. 11):

A necessidade de constituir textos autênticos se faz sentir quando um povo de alta civilização toma consciência dessa civilização e deseja preservar dos estragos do tempo as obras que lhe constituem o patrimônio espiritual; salvá-las não somente do olvido como também das alterações, mutilações e adições que o uso popular ou o desleixo dos copistas nelas introduzem necessariamente. Tal necessidade se fez já sentir na época dita helenística da Antiguidade grega no terceiro século a.C., quando os eruditos que tinham seu centro de atividades em Alexandria registraram por escrito os textos da poesia grega, sobretudo de Homero, dando-lhes forma definitiva.

A Crítica Textual tem suas origens mais remotas na Grécia do período alexandrino (322-146 a.C.). Nasceu, segundo Antonio Tovar (1944, p. 15), “como um segundo grau de um ensino primário cujas *primeiras letras* estavam baseadas em uma poesia nacional, principalmente em Homero.”

A tradição europeia registra como as mais antigas edições críticas aquelas feitas pelos críticos alexandrinos: *Zenódoto*, *Aristófanes de Bizâncio* e *Aristarco* sobre os poemas homéricos. O trabalho desses primeiros críticos textuais estava voltado para a restauração, inteligência e explicação dos textos. Eles catalogavam as obras, reviam-nas, emendavam-nas, comentavam-nas, proviam-nas de sumários e de apostilas ou anotações, de índices e glossários, de tábuas explicativas, além de complementá-las com excursões biográficas, questões gramaticais e até juízos de valor de natureza estética.

A Crítica Textual moderna só é iniciada no século XIX com a publicação das edições críticas feitas por Karl Lachmann (1793-1851) do *Novo Testamento* em grego (1842-1850) e do poema *De rerum natura*, de Lucrécio (1850). Lachmann dá à Crítica Textual caráter científico, adotando um método, que leva o seu nome, baseado numa síntese dos processos utilizados pelos editores alexandrinos. É também o responsável pela terminologia latina, pois escreveu suas introduções críticas em latim.

O método lachmanniano consiste em: *recensio*, levantamento de toda a tradição manuscrita e impressa existente da obra; eliminação das cópias coincidentes; agrupamento do material em famílias para a posterior elaboração da árvore genealógica;

reconstituição do arquétipo, isto é, do códice a que remontam todos os manuscritos de uma determinada obra; *emendatio*, correção do texto arquétipo para remontar o original; e *originem detegere*, a finalização do processo, cujo objetivo é tentar reconstruir a história e a fortuna do texto através de considerações diplomáticas e testemunhos externos, objetivando a produção do texto o mais próximo possível do original, ou seja, *constitutio textus*.

A tarefa da Crítica Textual é reconstituir o original perdido, ou o texto mais fidedigno possível, com base na tradição manuscrita ou impressa. A edição crítica de uma obra difere de uma edição diplomática, cujo objetivo é simplesmente reproduzir o manuscrito, mantendo todas as suas características: grafia, abreviaturas, pontuação (quando há), a ligação ou separação de palavras, etc.

A Crítica Textual progrediu bastante desde os seus primórdios. No século XX, com o progresso tecnológico que se instalou pouco a pouco, os estudiosos conseguiram uma exploração mais ampla da tradição literária com menor esforço, pois houve uma maior liberalidade das bibliotecas públicas e privadas na concessão de fotocópias e microfilmes; muitas publicações de catálogos e de fac-símiles; doação de acervos, por parte dos familiares ou do próprio autor, de textos originais; e, também, a vantagem, nos nossos dias, de se evitar uma viagem para obter uma cópia de texto, esta pode ser enviada, do outro lado do Atlântico, via fax ou pelo próprio computador através da rede Internet.

## 1.1 O Trabalho da Crítica Textual

### 1.1.1 A Edição do Soneto Vozes de Animais

#### 2.1.1.1 Descrição do Testemunho 0026

SALLES, Arthur de. *Vozes de animaes*. Datiloscrito. Acervo do Setor de Filologia Românica, 002:0026, [s.d.]

Datiloscrito em fita vermelha. Papel de linho, amarelado pelo tempo, trazendo a marca d'água: “Congresso Bond”, medindo 325mm X 220mm. Mancha escrita com 271mm X 160mm. Ângulos superior e inferior esquerdos cortados. Margem esquerda apresenta marcas da ação do fogo. Margem direita, ao centro, rasgada. 17 linhas: L.1, -oOo- VOZES DE ANIMAES -oOo-; L.2, I; L.3-16, versos; L.17, oOo—oOo—oOo. Emendas autógrafas em tinta preta: V.4, risca *anciante*; V. 5-8, risca, com um traço em diagonal, a segunda estrofe, corrigindo em campanhas diferentes: V.5, primeira cam-

panha, escreve L à margem direita, segunda campanha, à margem inferior, L.1, *Ladra o cão, grunbe o porco e touro muge*, terceira campanha, à margem direita, em sentido vertical, L. 1, *Ladra o cão, grunbe o porco, o touro muge*; V. 6, primeira campanha, à margem inferior, L. 2, *O veado arisco brama e o [riscada]*, segunda campanha, à margem inferior, L. 3, *Brama o veado e o bode funga estrepitante [riscada]*, terceira campanha, à margem inferior, L. 4, *Mia o gato, [riscada]* quarta campanha, à margem inferior, L. 5, *Silva a serpente e mia o gato amante*, quinta campanha, à margem direita, em sentido vertical, L. 2, *Silva a serpente e mia o gato amante*; V. 7, primeira campanha, à margem inferior, L. 6, *Funga o bode espirrante e estrepitante*, segunda campanha, à margem direita, em sentido vertical, L. 3, *Funga o bode espirrando, estrepitante*; V. 8, primeira campanha, à margem direita, em sentido vertical, L. 4, *Muito a custo a preguiça rosna ou tuge*.

FIGURA 2: Datiloscrito do soneto Vozes de Animais  
Acervo do Setor de Filologia Românica da UFBA, cota: 002 - 0026

- \* \* -      VOZES DE ANIMAIS      - \* \* -

:"

Ladra o cão, grunbe o porco e touro muge  
O veado arisco brama e o [riscada]  
Brama o veado e o bode funga estrepitante [riscada]  
Mia o gato, [riscada] quarta campanha, à margem inferior, L. 5,  
Silva a serpente e mia o gato amante, quinta campanha, à margem direita, em sentido vertical, L. 2,  
Funga o bode espirrante e estrepitante, segunda campanha, à margem direita, em sentido vertical, L. 3,  
Funga o bode espirrando, estrepitante; V. 8, primeira campanha, à margem direita, em sentido vertical, L. 4,  
Muito a custo a preguiça rosna ou tuge.

o l e - - o l e - - o l e

*Ladra o cão, grunbe o porco e touro muge  
O veado arisco brama e o [riscada]  
Brama o veado e o bode funga estrepitante [riscada]  
Mia o gato, [riscada] quarta campanha, à margem inferior, L. 5,  
Silva a serpente e mia o gato amante, quinta campanha, à margem direita, em sentido vertical, L. 2,  
Funga o bode espirrante e estrepitante, segunda campanha, à margem direita, em sentido vertical, L. 3,  
Funga o bode espirrando, estrepitante; V. 8, primeira campanha, à margem direita, em sentido vertical, L. 4,  
Muito a custo a preguiça rosna ou tuge.*

*Ladra o cão, grunbe o porco e touro muge*  
~~o veado arisco brama e o [riscada]~~  
~~Brama o veado e o bode funga estrepitante [riscada]~~  
~~Mia o gato, [riscada]~~  
Silva a serpente e mia o gato amante  
Funga o bode espirrante e estrepitante  
Funga o bode espirrando, estrepitante  
Muito a custo a preguiça rosna ou tuge



### 2.1.1.2 Texto crítico

#### VOZES DE ANIMAIS

Urta o leão, uiva o lobo e, alto, o elefante  
A barrir, ergue a tromba; o tigre ruge;  
Guincha o orango, a onça miaula, o urso restruge,  
Rincha o cavalo e o burro orneja, anciante...

5 Ladra o cão, grunhe o porco, o touro muge  
Silva a serpente e mia o gato amante  
Funga o bode espirrando, estrepitante  
Muito a custo a preguiça rosna ou tuge.

O camelo blatera no deserto;  
10 A raposa regouga; o rato chia;  
Berra o carneiro, bale a ovelha, perto...

Somente Adão, o rei dos animais,  
Brada, na rua, todo o santo dia!  
Mas, em casa... *tableau!* Nem geme os ais...

- L.1 0026 *ANIMAEIS*  
V.1 0026 Urta o leão, uiva o *lôbo* e, alto, o *elephante*  
V.4 0026  *cavallo* ;  *anciante...* [AS risca, com tinta preta, não substituindo, por isso foi mantida]  
V.5-8 0026 [AS risca-os em bloco, com tinta preta, com um traço em diagonal]  
V.5 0026 *Late ou ladra o cão; grunhe o porco; muge* [AS escreve 3 campanhas: 1ª, à margem direita, L; 2ª, à margem inferior, L.1, *Ladra o cão, grunhe o porco e touro muge*; 3ª, à margem direita, em sentido vertical, *Ladra o cão, grunhe o porco, o touro muge*]  
V.6 0026 *O touro; o veado brama, agil, distante...* [AS escreve 5 campanhas: 1ª, à margem inferior, L.2, *O veado arisco brama e o* [riscada]; 2ª, à margem inferior, L.3, *Brama o veado e o bode funga estrepitante* [riscada]; 3ª, à margem inferior, L.4, *Mia o gato*, [riscada]; 4ª, à margem inferior, L.5, *Silva a serpente e mia o gato amante*; 5ª, à margem direita, em sentido vertical, *Silva a serpente e mia o gato amante*]  
V.7 0026 *O bode funga; mia o gato, amante...* [AS escreve 2 campanhas: 1ª, à margem inferior, L.6, *Funga o bode espirrante e estrepitante*, 2ª, à margem direita, em sentido vertical, *Funga o bode espirrando, estrepitante*]  
V.8 0026 *Muito a custo a preguiça rosna ou tuge...* [AS reescreve o verso, à margem direita, em sentido vertical, substituindo as reticências por ponto final]  
V.9 0026 *camello*  
V.12 0026 *Sómente Adão, o rei dos animaes* ,

### 3 Considerações Finais

O levantamento, a seleção e a edição crítica dos sonetos dispersos de Arthur de Salles representam um ato de preservação do patrimônio literário, escritural e lingüístico do poeta. As etapas que constituem o trabalho da Crítica Textual são uma obrigação de filólogos e lingüistas, face às gerações vindouras, no sentido de perpetuar a memória literária baiana. A importância desse tipo de trabalho está centrada na recuperação do texto como documento de uma ideologia, enquanto produto social e cultural. A Crítica Textual está a serviço da Literatura, proporcionando cada vez mais edições confiáveis ou fidedignas, sejam de obras antigas ou medievais, sejam de obras modernas.



#### REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 11-18.
- CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.
- CASTRO, Ivo. A “Tragédia da Rua das Flores” ou a arte de editar os manuscritos autógrafos. *Boletim de Filologia*, Lisboa, t. 26, n. 1-4, p. 309-359, 1980-1981.
- DUARTE, Luiz Fagundes. Prática de Edição: “Onde Está o Autor?”. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES: GÊNESE E MEMÓRIA, 4, 1994. *Anais...* São Paulo: ANNABLUME/APML, 1995. p. 335-358.
- ELIA, Sílvio. A Crítica Textual em seu contexto sócio-histórico. In: ENCONTRO DE ECDÓTICA E CRÍTICA GENÉTICA, 3, 1991. *Anais...* João Pessoa: UFPB/APML/FECP/FCJA, 1993. p. 57-64.
- FRANCISCO, Gil. Arthur de Salles, um poeta esquecido. *Diário Oficial*, Salvador, p. 3, 04 abr. 1989.
- GAMA, Nilton Vasco da et al. *Arthur de Salles e o Dons de Julho*. Salvador: UFBA/ALBA, 1993.
- GOMES, Eugênio. *Prata de casa*. Rio de Janeiro: A Noite, 1953. p. 65-69.
- LARA, Cecília de. *Nova Cruzada: contribuição para o estudo do pré-modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1971.
- MAAS, Paul. *Crítica del testo*. Tradução Nello Martinelli. 2. ed. Firenze: Felice Le Monnier, 1966.
- MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1951. v. 2, p. 303-305.
- PASSOS, Alexandre. *Letras bavianas*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1941. p.15-27.
- PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Ed. de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.
- PESSOA, Fernando. *Poemas de Ricardo Reis*. Ed. crítica de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.
- QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de Arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. 1995. 239 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SÁ, Raul. Reminiscências de Artur de Sales. *Anais do Arquivo do Estado da Bahia*, Salvador, n. 43, p. 119-126, 1977.
- SALLES, Arthur de. *Poesias: 1901-1915*. Bahia: [s.n.], 1920.
- SALLES, Arthur de. *Sangue máo*: poema. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1928.

- SALLES, Arthur de. *Poemas regionais: Sangue mau, O ramo da fogueira*. Salvador: Era Nova, 1948.
- SALLES, Arthur de. *Sangue-mau*. Edição crítica sob a direção de Nilton Vasco da Gama. Salvador, UFBA, 1981.
- SALLES, Arthur de. *Vozes de animaes*. Datiloscrito inédito, [s.d.].
- SANTANA, Valdomiro (Org.). *Literatura baiana: 1920-1980*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986. p. 11-25.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Obra poética de Artur de Sales*. Salvador: Mensageiro da Fé, 1973.
- SILVA, Eduardo Cavalcante (Org.). *Poetas da Bahia: coletânea de poesias*. Salvador: Era Nova, 1966. p. 70-74.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poética/EDUSP, 1994.
- SPÍNOLA, Lafaiete. *Harpas e Farpas*. Bahia: Progresso, 1943. p. 7-16.
- TAVANI, Giuseppe. Metodología y practica de la edición crítica de textos literarios contemporâneos. In: *Litterature latino-américaine et des Caribes du XX<sup>e</sup> siècle: Theorie et pratique de l'édition critique*. Roma: Bulzoni, 1988. p. 65-84.
- VEIGA, Cláudio. *Sete tons de uma poesia maior: uma leitura de Arthur de Salles*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

## Resumo

Arthur de Salles, poeta baiano da fase pré-modernista, cujo período de intensa produção literária está compreendido entre 1901 e 1948. Sua obra dispersa é composta de textos diversos. O *corpus* dos sonetos contém textos inéditos – manuscritos e datiloscritos, e éditos – publicados em jornais e revistas. Neste trabalho, apresenta-se este corpus sob a ótica da Crítica Textual.

## Résumé

Arthur de Salles, dont la production littéraire a été très intense de 1901 à 1948, est un poète baianais de la phase pré-moderniste. Son oeuvre dispersée/abondante se compose de textes très variés. Le *corpus* des sonnets contient des textes inédits – manuscrits et écrits dactylographiés, et des édités – publiés dans des journaux et des magazines. Ce *corpus* est présenté dans ce travail à partir de la Critique Textuelle.



QUIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Arthur de Salles, os sonetos dispersos e sua edição. *Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 4, nº 3, 2005, p. 26-36.

**Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz** possui graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (1989) e doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2002). Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana. Publicou artigos em periódicos especializados trabalhos em anais de eventos em Espanha, Chile, Costa Rica, Cuba, Bélgica, Holanda, México e Portugal.